

HARMONISAR AS COISAS



Mancira pratica de harmonisar tudo... sem harmonisar coisa nenhuma.

Por ahí...



Assim como o sr. José Luciano é, permanentemente, a sentinella vigilante do governo da nação, assim o indigena tem sido, ha duas semanas, a sentinella vigilante do governo da sua casa.

Em primeiro lugar, a chuva, a chuva meudinha, impertinente, *morraceira*, como lhe chama o povo, não convida lá muito a pôr o pé na rua.

E, quando mesmo não fosse a chuva, o indigena não sahiria muito de casa durante as duas ultimas semanas, porque tinha a prendel-o: na primeira, a esperança da taluda do Natal; na segunda, a esperança do presente do peru.



Ha quinze dias, pois, que o indigena tem vivido de esperanças. Primeiro, esperanças de encher a bolsa de bellas libras; depois, esperanças de encher a panella de bella canja.

Como se sabe, a taluda do Natal falhou em parte. Vieram apenas, em premio grosso, uns cento e trinta e cinco contos de réis, e o que demonio é isso para satisfazer a ambição d'uns poucos de milhões de habitantes?

Os que não foram incluídos n'essa relativamente pequena boceta de felisardos não desesperaram contudo absolutamente da sua sorte.

Faltava o premio de consolação, representado na pessoa do peru.

Toca pois a ficar em casa á espera do succulento bicho.



A cada *tlín-tlín* vibrante da campainha da porta correspondia um *tic-tac* alegre do coração do dono ou dona da casa.

— Gertrudes! depressa! vae abrir, que talvez seja o peru do sr. commendador Hermenegildo.

O commendador Hermenegildo é o freguez do peru; ha seis Nataes que o manda, religiosamente, sem fallar um unico anno—e diz-se até que em paga da propria commenda, que o seu amigo F., o dono da casa, em tempo lhe arranjou. Um fóro generoso, como se vê.

Vem o peru para o dono da casa, vem mais um ramilhete muito florido para a dona da mesma casa, e vem ainda um bilhete de visita, de ponta dobrada, acompanhando peru e ramilhete e comprimentando por estê teor:

O COMMENDADOR

Hermenegildo Amancio da Costa e Sousa

Felicita e pede desculpa.

As palavras são sempre as mesmas, como cumpre a um commendador circumspecto e regrado em seus costumes e a quem peza que o peru não possa tambem ser sempre o mesmo.



A criada volta da porta da rua tomando nos braços não o peru mas o primo Antonio, um mocetão lá da terra, que veio a Lisboa gozar as festas e por isso aproveitou a occasião de visitar a prima *Estrudes*— e jantar em casa dos patrões d'ella.

— Mau, resmungo o dono da casa para a sua cara metade; já temos mais um bico para o jantar, mas a respeito de peru parece que ainda está no choco...

D'ahi a bocado outra vez *tlín-tlín* á porta.

— Gertrudes vae abrir; d'esta vez é com certeza o peru; está na hora; o do anno passado veio precisamente ás tres horas da tarde.

Não é ainda o peru, mas é a conta da companhia das aguas—cento e cincoenta e dois metros a dois tomos cada um, além dos nove vintens de aluguer do contador que rouba tudo aquillo.

— Chixa! berra o dono da casa, como o gallego das *Intrigas no Bairro*, e faltando pela primeira vez á consideração que lhe merecem os ouvidos castos da casta esposa; cincoenta mil quinhentos e oitenta réis só para agua é de arrasar! Podia lavar os pés em vinho do Porto de 1815 que me saia muito mais barato:— e apenas uma vez de quinze em quinze dias...



Os *tlíns-tlíns* succedem-se e multiplicam-se, mas a respeito de peru tres vezes nove vinte e sete: não chegam senão contas e mais contas. Um rosario de contas.

— Ha incidente, com certeza, reflecte o dono da casa; querem vocês ver que o foram entregar n'outra casa? (O o refere-se ao peru, está bem de ver.)

— Olha Gertrudes; chama ahí o Bento, e dize-lhe que vá a casa do sr. commendador Hermenegildo e que indague, disfarçadamente, pela criada, se o patrão sairia de Lisboa, se estará incommodado, se haverá novidade, em summa... O peru sem apparecer é celebre!

O Bento vae e volta e todos inquerem interessados: então? então?

— Entoncos, responde o Bento vagarosamente; o senhor incommendador... *báu-báu!*

— Bau-bau?! o que demonio vem a ser isso?

— Bem a xer que o xenhor incommendador xá não é incommendador.

— Mas explica-te, animal!

— O xenhor incommendador está a estas horas xendo incommendado... Foi para anxinho!... Xe murrió!

— Morreu o commendador!!! quer dizer que, se quizermos comer peru, havemos de compral-o com o nosso dinheiro... Ora os diabos levem o commendador mais quando elle se lembrou de morrer no dia de Natal!

E aqui está o responso que acompanha á tumba o commendador Hermenegildo—o homem do peru!



Esta historia, é como a carta em que se falla no *Lenço Branco*:

«... que subscripto não tem
Não se dirige a ninguém
Dirige-se a toda a gente.»

Não se dirigindo tambem a pessoa alguma, esta historia é no fundo a synthese mais ou menos aproximada do que succedeu a muita gente boa.

— Todos passaram a semana fazendo bocca para o peru... que os amigos haviam de mandar.

E para aquelles a quem o peru não chegou, era uma vez um peru... e era uma vez um amigo!

Para Saranda



Politica em bolandas



A questão dos vinhos continua no mesmo pé— como frequentemente acontece ás ceçgonhas— no que attesta um certo equilibrio, o que aliás vem certificar que, apesar da questão ser de vinhos, ainda o vi-

nho não subiu á cabeça de pessoa alguma.



Agora, o dize tu direi eu dos affectos e dos desaffectedos á companhia dos vinhos versa unicamente sobre o disse ou não disse do sr. presidente do conselho.

Elle diz que não disse; os outros dizem que disse e assim anda o publico sem saber quem é que falla verdade e quem é que falta a ella, emquanto não tomar a resolução de formar todos em linha e descobrir emfim qual o que mente, pelo carunchoso mas infallivel processo do *espêto ferrugento foi ao mar não se afundou*...



Que a companhia de vinhos é uma má companhia dá-a a opposição agora, como a sabedoria das nações diz: há muito que as companhias de vinhos são sempre *mas companhias*.

A commissão portuense encarregada de protestar contra a instituição da discutida companhia, depois de ser recebida pelo sr. presidente do conselho, foi recebida por ei-rei, o qual se viu forçado a tirar pela milésima vez da algibeira das calças da sua rhetorica constitucional a resposta de chavão com que o monarcha já precedentemente respondera a novecentas e noventa e nove comissões de diferentes raças, indoles, aspectos, aspirações e procedencias.

Essa resposta foi—e e será sempre, emquanto o mundo for mundo e o paiz monarchico-constitucional, a seguinte:

— O meu governo esforçar-se-ha por harmonisar os interesses da agricultura com os do commercio.



Para o caso de hoje foi a *agricultura e o commercio* para o de amanhã será a *industria e as artes*; para o do dia seguinte a *litteratura e as sciencias* e assim successivamente até a consumação dos seculos e a dos monarchas constitucionaes.

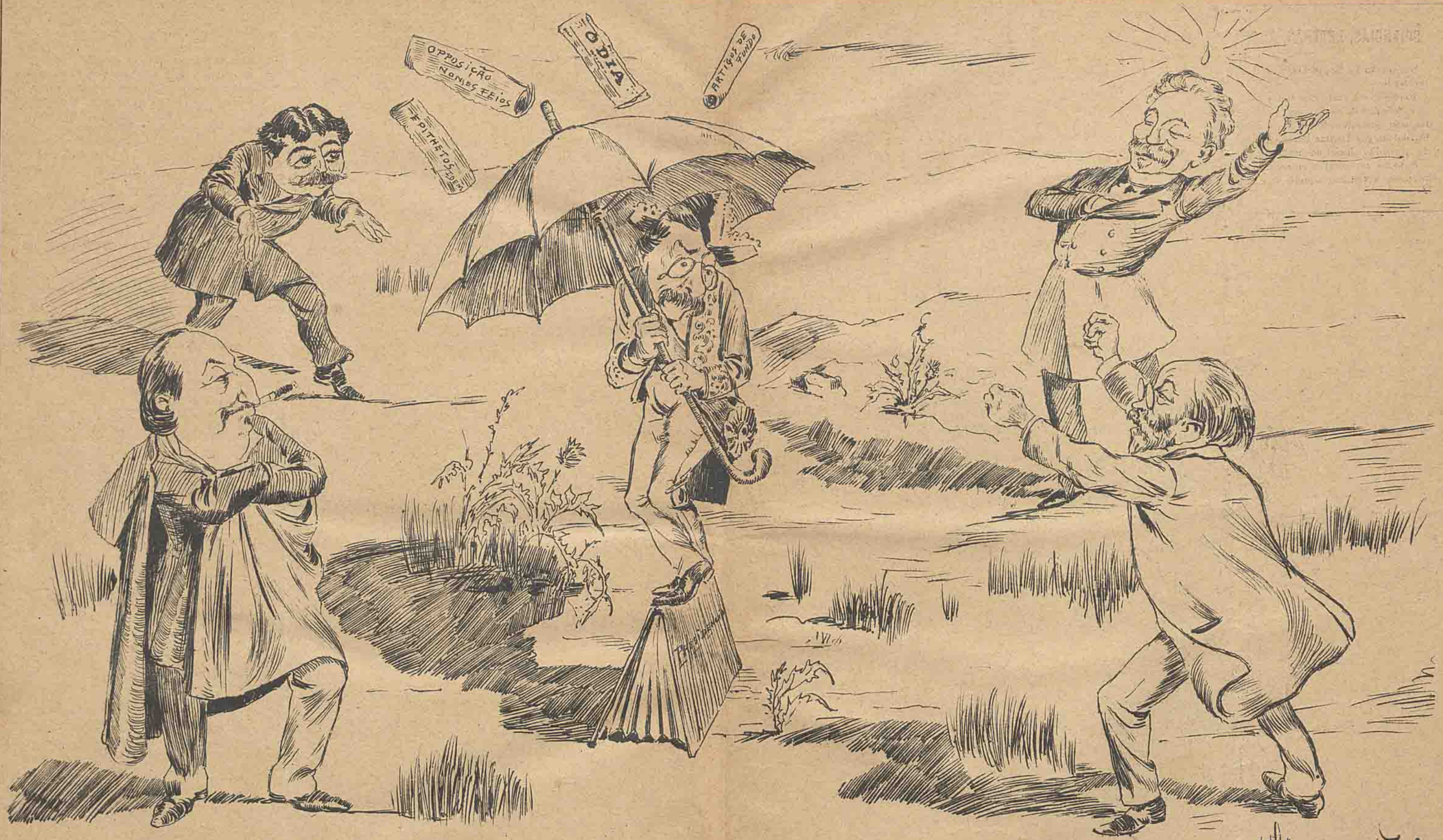
Como expomos n'outro logar, sua magestade hade *harmonisar* as coisas mas hade ser tocando harmonium...

Naturalmente foi para organizar as suas finanças, tão detrioradas com a ultima viagem, que ei-rei mandou vir do estrangeiro o famoso *orgão* de não sabemos que elevado preço.

Vê-se que sua magestade leva tudo por musica violoncello para a familia; orgão para as finanças e harmonium para as questões intrincadas.

Por este caminho musical, quando se tratar do lançamento das contribuições, não nos espantará muito que o monarcha adquira umas *marimbas*— que é para *marimbar* o contribuinte...





Ganha perde dos quatro cantinhos. Ao contrario do jogo dos quatro cantinhos, em que o do centro e que diligencia apanhar vago algum dos cantos, n'este ganha perde são os dos cantos que estão á espreito de que o do centro se descuide — salvo seja! — para lhe apanharem o lugar.

Gustavo Bordinho

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

SEBASTIÃO DE SOUSA DANTAS BARACHO. — *Questões militares.*

Recebemos e acabamos de ler o volumoso folheto em que, sob aquelle titulo, vem publicado o substancioso discurso pronunciado em uma das sessões da ultima legislatura por Dantas Baracho, o sympathico deputado, o erudito official do nosso exercito.

A todos em geral e ao exercito em particular deve interessar vivamente aquelle valioso opusculo.

FERNANDO LEAL. — *Relampagos.*—Um desvio involuntario e imprevisto do volume que receberamos, fez com que não accusassemos ainda a recepção do formoso livro de versos que Fernando Leal recentemente publicou e nos quaes se espraia todo o finissimo encanto, todo o subtil espirito de que Fernando Leal tem dado como poeta tão largas manifestações.

×

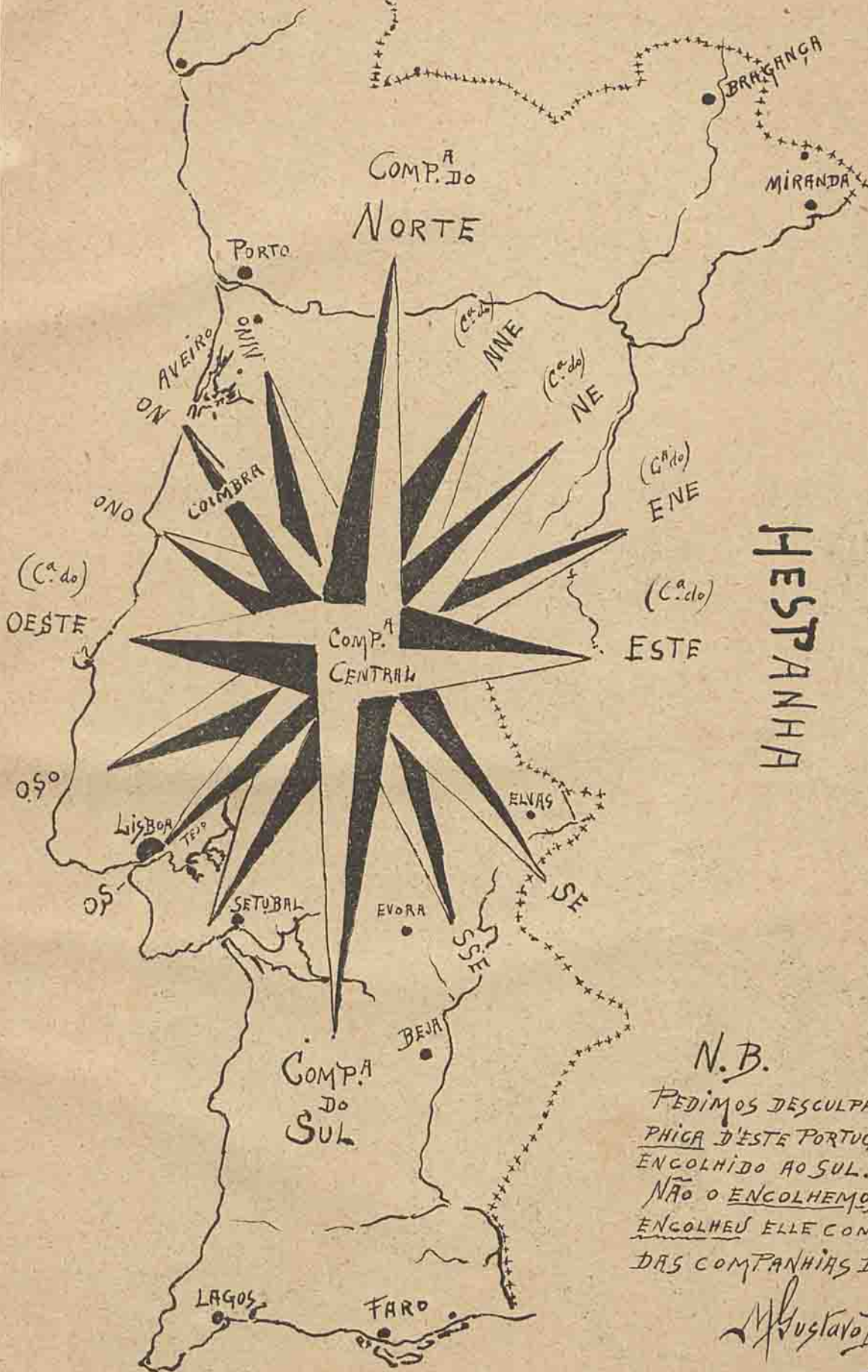
De Albino José Baptista o afamado 92 da rua Nova do Almada, recebemos uns pratos-calendarios que muito agradecemos.

Egualmente agradecemos á companhia de seguros *L'Urbaine*, a remessa dos seus calendarios de escriptorio.



A' manhã, 6. feira, é no theatro do Gymnasio o tricentenario da apparição do Silva Pereira. Silva Pereira está agora na verdadeira situação de *estrella*. . . cadente: Ora apparece, ora desaparece. Silva Pereira tem effectivamente direitos incontestaveis—e dobrados—á classificação de *estrella*: estrella pelas suas brilhantes qualidades e estrella pela sua antiguidade improfundavel. Sejamos todos astrologos amanhã, indo observar a estrella que apparece no ceu azul do theatro do Gymnasio.

A ROSA DOS VINHOS



N. B.
 PEDIMOS DESCULPA À GEOGRÁFICA D'ESTE PORTUGAL ESTAR ENCOLHIDO AO SUL.
 NÃO O ENCOLHEMOS NÓS: ENCOLHEU ELLE COM MEDO DAS COMPANHIAS DO NORTE.

Gustavo Bordallo

Com as companhias vinícolas que já se formaram e mais as que pretendem formar-se, Portugal virá a ser uma verdadeira rosa dos vinhos.

Cá fico á espera d'um syndicalosinho...

QUARTO VOLUME

